



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada de Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talhaba — Lisboa — Telefone 5339  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O PARLAMENTO

Os senhores lembram-se — ora se se lembram! — do que foi, do que se disse, do que se escreveu acerca do parlamento passado. Um escândalo. Uma vergonha para o país. Os dignos representantes da nação palravam muito, falavam pelos cotovelos, gritavam, gesticulavam, e a respeito de trabalhar... nada. Diasim diãno, não havia sessão por falta de número ou então as sessões eram a certa altura encerradas, porque os senhores deputados escapavam-se no decorrer dos trabalhos. As sessões que deviam começar às 14 horas começavam sempre uma hora mais tarde porque s. ex.ª só tarde se dignavam comparecer. A respeito de trabalho útil (?), prático, do interesse nacional, nada.

Só política, reles política e interesses de campanário. De vez em quando, espectáculos deprimidos para o prestígio parlamentar, insultos, gritos, carterias partidas, palavras obscenas, o seu soco à mistura, verdadeiras touzadas, enfim. Com aquela câmara não era possível trabalhar, era uma câmara de garotos indisciplinada, madraça, zaragataira. Aquilo não podia continuar — dizia-se. Era preciso dissolver aquilo — reclamava-se. E a dissolução fez-se.

Dissolveram-se as câmaras pôs-se a rua aquela canalha e procedeu-se a novas eleições e proclamaram-se novos deputados.

Agora sim. In-se trabalhar. O parlamento lá reconquistou o seu prestígio necessário.

A câmara abriu. Os senhores deputados tomaram assento. Aquilo sim. Era outra loiça. Gente nova e competente e seleccionada. Lá fomos. Olhámos com um certo respeito os novos parlamentares.

Estava ali o escol da mentalidade burguesa.

E' certo que lá fomos encontrar muitas das nulidades da câmara anterior mas também havia por lá muitas caras novas. Tratámos de inquirir os seus nomes. Elucidaram-nos: o Branquinho, o Antas, o Portas, o Cansado (este já estava antes de começar a trabalhar), o Uva, o Mea-lha, o Capinha, o Cabeçadas, o Matias Bolbo... Não os conhecíamos nem de nome. Enfim, há tanto desconhecido ilustre...

A câmara entrou no seu funcionamento normal. Já há mês e meio que trabalha — qu melhor, que finge que trabalha — tempo suficiente para se aquilatar do valor parlamentar, da competência técnica, da compostura dos senhores deputados. E o que verificamos é isto: este parlamento é tam bom como o outro.

Esta nossa opinião é, aliás, a de muita gente. A propósito, dizia um burguês os parlamentos são como as criadas de servir: a que entra de novo é sempre pior do que a última que sai.

Sim, este parlamento é tam bom como o outro. Não dizemos por porque isso seria impossível. E para aquilo, não merecia ter sido dissolvida a câmara anterior.

A tourada continua. A mesma incompetência se tem manifestado. A política sobreleva as chamadas questões nacionais.

O regimento, a lei por eles votada para seu uso próprio, não é cumprido. Perde-se o tempo em teimosias infantis.

Qualquer coisa é pretexto para fazer politiquice, para se fazerem discursos massudos, sem ideias, sem brilho e sem forma. Não há método. Interrompem-se discursos para intercalar outros assuntos. Por uma insignificância rebenta uma tempestade. Parece a praça da Ribeira, e são os antigos deputados, os relectos, que mais se salientam na desordem. São sempre os mesmos, verdadeiros profissionais da desordem. Os Pitãs... os Borges... os Carvalhos das Silvas...

As sessões marcadas para as 14 continuam principiando às 15, e às vezes sem número legalmente suficiente. Discute-se sem saber o que, aprova-se sem se saber o que se vota.

Há pouco, para dar aos parvos

dos eleitores a impressão de que tem muito que trabalhar e que trabalham imenso, deliberam começar as sessões às 13 e encerrá-las às 20. Pois os que propõem começar mais cedo são precisamente os que chegam mais tarde!

Ainda anteontem houve por lá barulho. Ninguém se entendia. O presidente tanto badalou, que o badalo, desprendendo-se da campainha, caiu cá em baixo, na sala. Depois, tiveram os pobres dos contínuos, que são ainda quem mantem o prestígio do parlamento, que andar à procura do badalo.

Ontem não houve sessão por falta de número. E os que chegaram tarde ainda investiam o presidente por ter cumprido com a lei. Queriam que esperassem por eles, como se uma hora de tolerância não fosse mais que suficiente. Um dos que chegou mais tarde havia até proposto que as sessões comessem às 9 horas da manhã!

Uma paródia! Aquilo está a pedir de novo ordem de despejo, mas não para lá mandar outros que seriam tam bons como estes.

O mal não é dos homens, mas da própria instituição parlamentar, ou melhor ainda da organização social que eles representam.

Quem quiser ter uma apreciação do conjunto da sociedade burguesa, vá ali abaixo, ao Teatro de S. Bento. Está ali sempre em scena a peça realista de grande espectáculo *A falência da burguesia*. A peça é instrutiva, demolidora e revolucionária. E quanto ao desempenho, magnífico. Os actores não podem interpretar melhor os papéis. Pois se são as próprias personagens em acção!

Alto teatro de S. Bento, pois! Espectáculos todos os dias em que aos actores der na sua soberaníssima gana, às 13 horas. Mas o público pode ir uma hora depois que ainda vai cedo, porque para a realidade da acção ser completa até na pontualidade a companhia representa fielmente a nação.

Alto público do Príncipe Real se recomenda, sobretudo, o espectáculo...

## C. G. T.

Para continuação dos trabalhos de ontem volta hoje a reunir o Comité Confederal às 21 horas.

## Pro-instrução do povo

Uma bela iniciativa em via de realização

Como anunciamos, realizou-se na preterita 3.ª-feira, na sede do "Estrangeiro Foot-Ball Club", uma importante reunião de habitantes das Estrangeiras de Baixo e de Cima, a fim de se tratar da fundação duma escola para as crianças e dos adultos destas localidades.

A inscrição de sócios atingiu o número 67, esperando a comissão iniciadora receber valiosas adesões que muito facilitarão tam bela iniciativa. Depois de ao assunto se terem referido vários oradores, foi eleita a comissão administrativa, que ficou assim constituída: presidente, Agostinho de Almeida; vice-presidente, Cipriano Proença; 1.º secretário, Jaime Augusto; 2.º secretário, José Nascimento; tesoureiro, Manuel Lopes; vogal, Jacob Tavares da Silva.

## A G. N. R. não está ociosa

Em Grandola resolve a coronhada sobre o povo a questão das farinhas

GRANDOLA, 23.—Na noite finda, foi esta villa teatro de um acto de heroísmo praticado pelos mactadores da "Ordem. Brônos rapazes!... Tendo os sinos tocado a rebate, o povo saiu para a rua, reunindo-se em grupos, com o seu costume pacífico, com o fim de protestar contra o aumento do preço do pão, que de há tempo a esta data tem sido vendido a \$55 o quilo, e hontem um "galfarro", dono duma fábrica de moagem, tentando roubar o expoliado povo mais uma vez, fez o aumento de 2\$70 em arroba de farinha, para que o pão passe a ser vendido a \$70 o quilo. Quando menos o esperavam, caíam em cima um bando de guardas republicanos, havendo coronhadas e espedaçadas a esmo.

## Operários

Só com uma sólida organização sindicalista, podeis melhorar a vossa situação económica.

## O papel das juventudes sindicalistas no movimento social

A filantropia burguesa para com os famintos russos

Cristiano de Carvalho estabelece a diferença entre a caridade dos burgueses e a solidariedade dos operários

O nosso amigo Cristiano de Carvalho realizou no Porto, numa festa promovida pelas juventudes sindicalistas daquela cidade e a que em outro lugar nos referimos, uma interessante conferência sobre o papel das juventudes sindicalistas no movimento social.

Da forma brilhante como aquele conhecido artista desenvolveu o seu tema, dá uma ligeira impressão o resumo extracto que publicamos:

"Vem falar numa hora bem grave e trágica, ali perante uma falange numerosa de proletários do Porto. E' que os nossos irmãos russos, neste momento de transformações sociais, vivem dias tremendo de grandes desgraças, motivo porque, na Europa, não falta quem se regosije com esse lamentável successo. A imprensa burguesa, toda entregue à santa tarefa de expurgar o mal do seio da sociedade, não se cansa em anunciar, corria e aumentada, a desgraça russa. E como entende necessário apresentar ao mundo um exemplo humanitário de altruista acção, os jornais franceses declaram que, de acordo com as outras nações aliadas e amigas, o governo francês já estudou o apelo feito, ao mundo culto, pelos russos — isto é, o governo francês, para prestar o seu filantropico gesto, impõe condições... E' sempre assim, foi sempre assim a caridade burguesa."

O proletariado, porém, não põe condições na prática da solidariedade pelas desgraças alheias, porque também são as suas. Não necessita que os seus irmãos da Rússia estendam à sua caridade a mão desarmada das suas aflições — pela simples razão de que professa a religião — a mais santa de todas — da solidariedade. Na hora em que no antigo império moscovita se avolumou uma crise de miséria, houve quem concluisse que chegava o termo da Revolução, tal é o desejo que o reaccionarismo mundial tem em que ela lhe ofereça o ocaso. Mas o facto de em sete departamentos se ter declarado a seca, coisa vulgar no nosso próprio país, não se pode atribuir à forma política actual russa. E' contudo, existe quem imponha o contrário, conceito, aliás, que já não é novo.

A catástrofe russa e a crise do Douro

Em Portugal, após a proclamação da República, também se imputava à Lei da Separação das Igrejas do Estado todos os males que afligiram determinadas povoações. Se estabelecermos um confronto entre os cavadores incultos do Alentejo ou os cabreiros da Serra do Marão e a burguesia *chic* e fina de Paris ou Londres, facilmente constataremos que há maior soma de velhaqueza no torce procedimento da última. Muito em especial na ocasião presente.

Observada a catástrofe russa e, por exemplo, a crise do Douro, onde, apesar das batonetas, dos canhões e do ouro, se estende à mão, a caridade nacional, nota-se que, enquanto a Rússia é vítima dum fenómeno natural, a burguesia durieira é vítima das suas próprias armas, do sistema político actual. Não é a primeira vez que na Rússia se declaram catástrofes idênticas. Há anos, nas mesmas regiões onde hoje a miséria põe o *cachet* trágico da desgraça, uma horrível crise aterrorou também as populações. Mas então — oh! as lições da história — ao invés de hoje, a burguesia internacional não impôs condições para a ofe ta da sua hipocrita caridade, porque não havia um momento psicológico que aconselhasse à sua alma retrógrada a necessidade de atribuir os azares da Natureza aos odiados revolucionários. E' que nessa época imperava o *car* e era este *paishão* dos russos, o autocrata aliado da França republicana, que fazia o apelo às nações cultas!

A revolução não pode marcar-se data — Diferença entre uma sedição política e a revolução social

Em seguida, profunda-se largamente no sindicalismo, na luta de classes, na propaganda revolucionária, na forma como a luta deve definir-se, sem a mínima cooperação com os poderes constituídos, mas antes estabelecendo solução de continuidade com o futuro. Acentua a necessidade de manter íntegro o fenómeno do movimento da produção e do consumo, e lembra o exemplo russo o qual nos indica que a falta de capacidade sindical obrigou os homens que fizeram o golpe de Estado a lançarem mão de processos odiosos, para assegurar a vida do regime que despoitava.

Os campones portugueses como o russo nunca sonhara que existia uma organização com o carácter de transformador da sociedade.

E' pois necessário, em consequência destas flagrantes lições que os novos, os jovens, os que sentem no espirito o ardente crepitar da revolução, vão aos campos, às montanhas, espalhar a sementeira de ideias, fazendo com que o rude camponês conceba a noção da liberdade coisa que ele nunca conheceu. Mas, perguntarão muitos — ficará então a revolução para o infinito? É a es-

perava essa pergunta e, para ela, há só uma resposta: A revolução não pode marcar-se data. Datas, marcam-se para uma sedição, quando há homens mascarados, senhas secretas para reuniões nocturnas e regimentos comprados a peso de promessas e de ouro. Mas a Revolução Social, que é mui bem diferente de qualquer sedição de carácter político, não pode marcar-se com antecedência. Há de realizar-se automaticamente, quando o estado de coisas que formam a sociedade actual se descongestionam ao embate formidável da revolta sem nome — desfeita a porcaria parlamentar, e postos de parte os pescadores de águas turvas, os *videirinhos*.

É preciso resistir a todas as tentativas de enfeudamento da organização operária

Cabe, pois, à juventude manter nos sindicatos o principio característico do revolucionarismo anti-estatal, mas sem o culto da violência, escusada muitas vezes, porque encontra uma resistência negativa. A luta de classes, não sendo um fim, é, todavia, um meio. O objectivo é mais vasto. A luta de classes representa apenas um meio de condução que, nivelados os direitos, deve dar lugar à colaboração leal de todos os produtores na obra de resurgimento e de libertação. Fala depois na guerra, na plébora da produção, demonstrando que, com o actual sistema de produção, de salários e de consumo, são ainda os países onde o capital a produção mais abundam, que a miséria mais se acentua.

Apela para a juventude manter íntegro o principio libertário nos sindicatos, resistindo, consciente e energicamente, a qualquer tentativa de escamoteação, seja de que carácter for. Lembra, a propósito, a attitude nobre de Pierre Monate, comunista francês, para quem as indicações de Moscova eram um Alcorão, mas que não trepidava um momento em repudiá-las altamente as pretensões daqueles que, representando muito embora um tanto as suas aspirações, tentaram, no momento, transformar em arma política o proletariado francês.

Em Portugal, ainda há pouco, fazendo-se a tentativa do enfeudamento da organização operária ao *carro triunfal* de um partido político nascente, a organização operária soube também manter a integridade do principio sindicalista da sua constituição.

Todos os trabalhadores que se mostram refractários ou indiferentes a ingressar no exercito dos associados, convertem-se em inconscientes e docéis instrumentos dos burgueses contra os seus próprios irmãos.

## De Alpiarça

As pseudo-diligências para a descoberta dos assassinos do tenente Fonseca

ALPIARÇA, 21.—C.—As autoridades daqui, pelo visto, só servem para perseguir os rurais e encobrirem criminosos, como acontece com o que se refere ao crime que vitimou o tenente Fonseca.

O ex-administrador do concelho Manuel da Silva Tendeiro, que assiste aos interrogatórios sobre o caso, quando as testemunhas se referem aos do automóvel, faz um ponto... e passa adiante. Depois de sair, porém, junta-se com os e — claro está — conta-lhes o que se passou nos interrogatórios, pois é o primeiro dum e vizinho doutro.

Ora isto não é regular e justifica as palavras que eles não perdoam e que o malogrado tenente proferiu, dias antes da sua morte, perante os rurais:

"Isto é tudo uma cilada. Não tenho um único lavrador ao meu lado: a um apreendi-lhes azete, outros não querem dar-me o milho que manifestaram. São tenho a meu lado as classes pobres, mas hei-de fazer justiça. Já tenho hoje de sobejo ate vir o novo."

"Espero que vocês, rurais, me ajudem nesta luta. Tenho dó de vocês, que ganham pouco e dispendem um diabo — só no comer. O que seria de vocês não fossem os meus esforços! Nem para comer ganhariam..."

Assim sucede, infelizmente, pois os rurais ganham apenas \$20, trabalham 10 horas e tendo a respectiva associação encerrada às ordens das autoridades daqui, cuja justiça é de funil.

Ela será reaberta, e então demonstrar-se-á que os rurais tem sido vítimas das maiores tiranias numa terra em que todos se dizem democratas.

## A U. S. O. e a falta de água

Reinam hoje, pelas 19,30, a Comissão Administrativa e pelas 21 o Conselho de Delegados, para apreciar o relatório acerca desta importante questão da falta de água.

## Solidariedade para com os russos

O operariado do Escoural acaba de constituir uma comissão de auxilio aos trabalhadores russos

Entre o operariado do Escoural acaba de constituir uma comissão de auxilio aos trabalhadores russos que iniciou a sua simpática tarefa distribuindo um bem redigido manifesto que publicamos como incentivo a que esta iniciativa das camaradas do Escoural seja imitada em outras localidades:

Ninguém ignora já que a Rússia se debate neste momento com uma pavorosa crise económica, a própria revolução russa corre um grave risco, se a tempo não for convenientemente socorrida a sua enorme população.

O apelo feito por Máximo G. rki aos intelectuais de todo o mundo, bem como o apelo dos libertários russos aos trabalhadores, começam a despertar em certos meios um movimento de protesto e verdadeiro interesse em favor desse p. vo agora tam sacrificado, sobre o qual recaíram os pesados encargos da grande revolução que em plena guerra se iniciou.

E' certo que na Rússia não foi ainda possível estabelecer uma organização inteiramente livre, criar em todo o império um federalismo de comunas verdadeiramente autónomas, substituindo o autoritarismo asiático dos Czares pela completa liberdade dos indivíduos associados, naturalmente por motivos de ordem económica e moral.

Mas, assim mesmo, a obra do povo russo é formidável como manifestação duma alta aspiração do justo humano e um forte impulso ao movimento social de todo o mundo. A crise que a Rússia atravessa neste momento não impõe, de modo nenhum, a condenação do seu gesto libertador. E' ele apenas uma consequência inevitável do profundo abalo produzido por uma revolução da natureza e do alcance da revolução russa e, sobretudo, uma consequência da guerra que lhe moveram os governos da Entente.

Passada essa crise, reorganizada a sua industria, socializada definitivamente o trabalho agrícola, a Rússia sabera erguer-se de novo à altura das suas esplendidas qualidades e dar ao mundo um alto exemplo de vida livre, harmonica e progressiva.

Por isso mesmo se impõe a todos nós neste momento não abandonarmos o povo russo à mercê duma protecção hipócrita que provavelmente escolherá os socorridos. Já se fala em condições que a Inglaterra, a America, a Italia importam para prestar o seu apoio à Rússia, como se a solidariedade dos povos precisasse de se condicionar-se por outra coisa que não fosse o sentimento da humanidade e da justiça.

Tomemos nós, os que nos empenhamos pela renovação moral e económica do mundo, uma attitude diversa, solidarizando-nos inteiramente com o povo russo e contribuindo, dentro das nossas, embora pequenas possibilidades, para que ate ele chegue um pouco do conforto e bem-estar que neste momento lhe falta.

Escasam muitos generos na Rússia e alguns d' eles de extrema necessidade. Os donativos que vierem a colheir-se, nos diferentes trabalhos, nas oficinas e associações, para esta causa, não devem ser apenas para os russos, mas para os socorridos, para os que não podem ser providos, indo aumentar o apoio material de que tanto, neste momento, os trabalhadores russos carecem.

E' este movimento de solida fedade, não inspirado por nenhuma especulação, será ao mesmo tempo um protesto eloquente contra todos os manobras e iniquidades que os politicos de todas as nuances e reaccionários de todo o mundo temem movido contra a Rússia na sua aspiração sublime de Libertação Humana.

Subscrevei para os russos que tem fome!

Transporte.....	373\$59
Administrador de A Batalha.....	2\$00
Camilo A. Teixeira, Porto.....	2\$17
Quete em Amaranite, promovi-	
da pelos camaradas Amílcar	
da Silva e Leopoldo de An-	
drade (1).....	15\$50
M. M. C.....	\$25
João de Sousa.....	2\$50
A transportar.....	396\$01

(1) Quele em Amaranite. Subscretores: João de Almeida, Leopoldo de Andrade, 10.º; Sebastião da Silva, 10.º; David Guedes da Silva, 10.º; Leandro Martins, 10.º; Manuel Bento Cerejeira, 10.º; Raimundo Miranda e irmão, 10.º; Pedro Alves Costa, 10.º; Júlio Coimbra, 10.º; Hilário da Silva, 10.º; António dos Anjos, 10.º; Manuel Nogueira, 10.º; Rodrigo Moreira, 10.º; Joaquim da Cunha e Tamygo, 20.º; U. S. O., 10.º; José Teixeira Maia, 10.º; José Sampaio de Vasconcelos, 10.º; R. mirro Car-

## Pró-Casa dos Trabalhadores de Beja

Alguns dos donativos recebidos pela comissão auxil ar

Constituiu-se nesta localidade em tempo uma comissão auxil ar pró-Casa dos Trabalhadores com o fim de angariar donativos para as obras a realizar na cidade Casa, tendo feito um apelo na Batalha e no Revindicador a todos os camaradas e sindicatos que quizessem auxiliar tam útil empreendimento. Esperava a aludida comissão ver coroado de bom éxito o seu apelo, mas, o que é para lamentar, não succedeu assim, pois por intermédio da Federação dos Trabalhadores Rurais apenas conseguiu receber as seguintes quantias dos sindicatos que vão indicados: Trabalhadores Rurais de Val-de-Vargem, 6\$66; de Pias, 8\$16; de Vila Franca de Xira, 7\$50.

O que acima fica exposto apenas se refere às ofertas recebidas fora da localidade, pois que a comissão tem recebido, nesta cidade, auxilios para o fim exposto que oportunamente publicará.

## Classes Gráficas

Realiza-se uma nova e importante assembleia magna

Para apreciar a marcha do movimento destas classes, realiza-se hoje às 20 horas a anunciada assembleia magna, na rua António Maria Cardoso, 20.1.º (Associação dos Caixeiros).

Espera-se que todos os camaradas grevistas e das casas em laboração não faltem a esta sessão, visto os assuntos nela a ventilar serem de grande importância para as classes em geral.

## Aviso importante

Em virtude de estarem empregados todos os compositores inscritos na lista deste sindicato, convidam-se todos os camaradas que não se inscreveram e que ainda se encontrem sem trabalho, a comparecer hoje, pelas 9 horas, prontos a trabalhar, na Oficina Sindical, devendo apresentar-se ao camarada Adriano Vilar.

O principio da Associação é a arma mais útil que os trabalhadores podem esgrimir para se defenderem das violências e injustiças dos seus exploradores. Somente a Associação devem confiar as suas reivindicações.

## Criança morta

em virtude de uma queda

Na Morgue dum ontem entrada o menor de 6 anos, Manuel Rodrigues Martins, residente no logar de Venda do Alcaide, próximo de Pinhal Novo, que faleceu a bordo do vapor *Minho* quando era conduzido para Lisboa, a fim de ser internado no hospital d. S. José.

A criança, segundo declara o sub-delegado de saúde, faleceu em virtude de ter dado uma queda, e fender o crânio.

## A lei de inquilinato

O ministro da justiça está ao lado dos senhores — Pretende-se deixar os proprietários aumentar as rendas — Ao povo compete impedi-lo energeticamente!

Volta à tela da discussão a lei do inquilinato. O actual ministro da justiça encontra numerosos defeitos na legislação actual. Também nós encontramos. Simplesmente o sr. ministro encontra defeitos onde nós vimos benefícios. Nós estamos ao lado dos inquilinos, como inquilinos que somos, e porque julgamos estar na razão; o sr. ministro da justiça sustenta critério diverso do nosso, o que implica que está ao lado dos senhores.

E' a comédia de todos os dias. Os governantes estão sempre ao lado do rico contra o pobre, do ladrão contra o explorado, do forte contra o fraco.

O sr. ministro nem se lembra sequer das mil e uma injustiças praticadas pelos senhores contra os inquilinos, sabe apenas — e isso é que para ele representa um caso de alta importância — que um senhorio uma vez, em virtude dum incendio, ficou sem a casa onde habitava e que, acolhendo-se em casa dum vizinho, foi escandalosamente explorado.

Mas que prova isso contra os inquilinos, contra as vítimas, os que pagam? Prova simplesmente que os senhores ou hospedeiros são tam gananciosos que já nem se conhecem uns aos outros, que chegam a explorar-se mutuamente.

Pois, o sr. Matos Cid, por estas e por outras, acha que não é justo que um senhorio não possa elevar as rendas a seu belo prazer.

Isto proferido pela boca dum ministro seria verdadeiramente assombroso, se não estivéssemos habituados a ouvir da boca dos ministros as maiores asneiras e barbaridades.

O sr. ministro da justiça pretende que um projecto de lei há tempos levado à Câmara pelo seu antecessor, sr. Lopes Cardoso, seja discutido. O referido projecto é, como já tivemos ocasião de dizer, nestas columnas, a forma subtil de dar aos senhores a liberdade de fazer de nós, inquilinos, aquilo que muito bem entendam.

Então o povo pode lá admitir que o enganem, assim, descaradamente? Não pode. Nós estamos assistindo, dia a dia, às maiores barbaridades, às mais espantosas infâmias contra os inquilinos, quando grande número dessas infâmias e barbaridades estão proibidas por lei. Imagine-se o que seria de nós todos se o projecto do sr. Lopes Cardoso fosse aprovado.

Ao abrigo da lei, os senhores despediam, aumentavam, praticavam os maiores crimes.

E' preciso dizer basta a esses senhores que pretendem aumentar a miséria popular!

Vive-se num regime de immoralidade tremenda, de descaro incomparavel. A immoralidade é tal que até no parlamento assentou arraiais o sr. Carvalho e Silva, monárquico, que sendo presidente da Associação dos Proprietários há de gritar, em nome da nação, que os senhores estão na miséria e que é preciso deixá-los aumentar as rendas.

Isto não pode ser e isto não será!

## Alexandre Vieira e Alfredo Marques

Um apelo do sindicato dos manufactores de calçado

Na sua última reunião, a comissão administrativa deste sindicato, depois de ter apreciado diverso expediente, occupou-se dum officio da comissão pró-Alexandre Vieira e Alfredo Marques, a braços com uma terrível e perniciosa doença, adquirida no extenuante labor sindical.

Este sindicato exorta a classe, confiada na sua nunca desmentida solidariedade, a que concorra no máximo das suas disponibilidades para suavizar a situação dos dois valerosos lutadores da organização operária.

Na sede encontram-se todos os dias, das 20,30 às 23 horas, membros desta comissão para receber os donativos.

## TRABALHADORES, LÊDE

## A NOVELA VERMELHA



